

**Michiko Aoyama**

*Autora com 1 milhão de livros vendidos*

**A  
biblioteca  
dos  
sonhos  
secretos**

*Uma história sobre a  
magia dos livros e seu poder  
de conectar pessoas*

お探  
し物  
は図  
書室  
まで



SEXTANTE



## **Tomoka, 21 anos, vendedora de roupas femininas**

Saya me mandou uma mensagem contando que havia arranjado um namorado. Quando perguntei “Como ele é?”, sua resposta foi “Médico”.

Eu queria saber que tipo de pessoa ele era, mas ela deixou de lado a personalidade e a aparência do rapaz e se limitou à profissão. Bem, existem vários tipos de médico.

No final das contas, essa deve ser a forma mais rápida e simples de descrever alguém. Como se a profissão expressasse a personalidade das pessoas. Confesso que a palavra *médico* evoca em mim uma imagem bastante definida e estereotipada.

Então, o que será que as pessoas pensam sobre mim ao saberem da minha ocupação? Um desconhecido sentiria que me conhece?

No plano de fundo azul-celeste do meu celular, continuaram a aparecer mensagens curtas de Saya sobre seu novo namorado, que ela conhecera num evento de encontros às cegas.

Saya é da mesma cidade que eu. Somos amigas desde o ensino médio e, mesmo depois de eu me afastar para fazer faculdade em Tóquio e começar a trabalhar, ainda mantemos contato.

“E com você, Tomoka, como vão as coisas?”

Meu dedo pairou alguns instantes antes de responder. Nada de novo acontecia na minha vida.

Digitei “Tudo” e a primeira opção do preenchimento automático foi “bem”. Acabei enviando desse jeito. Na realidade eu pretendia responder “Tudo um saco”.

\* \* \*

Eu trabalho no Éden.

Nesse centro comercial de nome paradisíaco, sou responsável pelo caixa e pelo atendimento aos clientes. Uso uma camisa rosa-coral por baixo de um colete preto e uma saia justa, todo dia: na primavera, no verão, no outono e também no inverno, já prestes a chegar. Faz seis meses que comecei a trabalhar no Éden, depois de me formar na faculdade. O tempo passou num piscar de olhos.

Em novembro, fim de outono por aqui, o aquecimento central é ligado. No salto alto apertado, meus pés transpiram dentro da meia-calça. Sinto os dedos suados e contraídos se atrofiarem.

Todas as mulheres que usam uniforme no trabalho devem ter essa mesma sensação, mas uma das peculiaridades do Éden é a tal blusa rosa-coral usada pelas funcionárias. Na época do treinamento, me disseram que essa tonalidade foi escolhida por uma colorista famosa. Além de passar uma imagem positiva, vibrante e gentil, acho que escolheram essa cor “por combinar com mulheres de todas as idades”, uma coisa que deduzi sozinha depois de começar a trabalhar aqui.

– Fujiki, terminei meu intervalo. Agora é a sua vez – informou Numauchi ao retornar para o balcão do caixa. Seu batom retocado cintilava.

Fui designada para a seção de roupas femininas. Numauchi trabalha aqui há 12 anos. No seu aniversário, mês passado, de-

clarou ter chegado à idade dos “dois dígitos iguais”. Não devia ser nem 44 nem 66, então com certeza era 55. Quase a mesma idade da minha mãe.

A blusa rosa-coral de fato combina bem com ela. Acho que essas blusas foram idealizadas nessa cor porque há muitas mulheres de meia-idade trabalhando aqui.

– Fujiki, você tem voltado do seu intervalo bem em cima da hora. Tome cuidado!

– Certo, desculpe.

Numauchi tem uma posição de liderança entre as funcionárias. É mandona e meticulosa ao extremo, mas o que ela diz costuma estar sempre correto e a mim só cabe aceitar.

– Bem, estou indo.

Fiz um leve gesto de cabeça para ela e saí do balcão. Ao passar em frente a uma prateleira, percebi algumas peças fora do lugar e assim que estendi a mão para arrumá-las alguém me chamou.

– Com licença...

Ao me virar, dei de cara com uma cliente. Parecia ter mais ou menos a mesma idade de Numauchi. Não usava maquiagem, vestia uma jaqueta acolchoada bastante puída e carregava uma mochila gasta nas costas.

– Qual você acha que combina mais comigo?

A cliente levantava um suéter em cada mão, um vermelho-púrpura de decote em V, outro marrom de gola rulê.

Ao contrário de outras lojas, aqui as vendedoras não abordam os clientes de maneira direta. Acho isso ótimo, mas é lógico que quando uma pessoa pergunta algo é minha função atendê-la.

A primeira coisa que pensei foi que deveria ter deixado os produtos desarrumados e ido direto aproveitar o meu intervalo. Mas olhei para os dois suéteres e depois de uma breve hesitação apontei para o vermelho-púrpura.

– Esse de cor mais viva é mais bonito, a senhora não acha?

– Será? Não é berrante demais para mim?

– Nem um pouco. Mas, se deseja uma coisa mais sóbria, o marrom também é bonito. A gola esquentava o pescoço.

– Mas é muito apagado!

O diálogo improdutivo continuou.

Perguntei se não gostaria de prová-los, mas ela recusou. Disse que achava uma perda de tempo.

Tive vontade de suspirar, mas me contive. Toquei no suéter vermelho-púrpura.

– Acho essa cor linda, e combina com a senhora.

Quando falei isso, a atmosfera finalmente mudou.

– Acha mesmo?

Depois de observar fixamente o suéter vermelho-púrpura, a cliente ergueu o rosto para mim.

– Bem, vou levar este, então.

Ela entrou na fila do caixa. Dobrei o suéter marrom e o devolvi à prateleira.

Meu intervalo de 45 minutos foi reduzido a meia hora.

Ao sair para os fundos pela porta exclusiva para funcionários, cruzei com as vendedoras de uma loja de roupas de grife para jovens. Suas saias evasês de boa qualidade, com estampa xadrez verde-musgo e branco, balançavam.

Essas moças trabalham no mesmo andar que eu e se vestem com graça. Talvez usem os produtos que vendem na loja. Tenho a sensação de que o Éden ficou mais chique com essas moças estilosas trabalhando ali.

Dei uma passada no vestiário, peguei a sacola de plástico com meu lanche e fui até o refeitório.

O refeitório serve apenas dois tipos de macarrão (soba e udon), curry e uma fritura que varia toda semana. Comi algumas vezes ali, mas um dia reclamei com uma funcionária por ela ter errado meu pedido. Ela me tratou tão mal que não consegui mais

comer ali. Em geral, como um sanduíche que compro em uma loja de conveniência no trajeto para o trabalho.

Por toda parte no refeitório floresciam rosas-corais. No meio delas, podiam-se ver alguns rapazes de camisa branca e alguns funcionários em roupas comuns aqui e ali.

Ouvi uma risada estridente ao meu lado. Era um grupo de quatro funcionárias falando animadas sobre seus maridos e filhos. Pareciam se divertir. Quem me visse pensaria que faço parte do “Time Rosa-Coral”, mas, confesso, essas mulheres me assustam um pouco. Então prefiro manter distância.

Mas será que sou realmente diferente delas?

Havia uma razão para eu trabalhar no Éden: foi a única empresa que me aceitou.

Eu me candidatei sem muita motivação. Não só aqui, mas em vários outros lugares. Como não tenho muitos talentos, o importante era ser admitida onde quer que fosse.

Mais de trinta empresas me recusaram e, justo quando eu já estava cansada de tentar, recebi uma mensagem do Éden me chamando e decidi aceitar. Desde então desisti de procurar outro trabalho. O que mais conta para mim é continuar morando em Tóquio.

Se me perguntassem se é porque tenho como objetivo realizar uma coisa grandiosa na capital, responderia que não é bem assim. Mais do que desejar estar em Tóquio, quero não precisar voltar para o interior.

O lugar onde nasci é muito, muito, muito distante da cidade grande, e para onde quer que se olhe só se veem arrozais, arrozais e mais arrozais. Leva quinze minutos de carro da minha casa até a única loja de conveniência, solitária em uma avenida. As revistas são vendidas com atraso de alguns dias e não há cinemas nem lojas de departamentos. Tampouco algum lugar que se possa chamar de restaurante, somente pequenos estabelecimentos

com menu fixo. A vida é tão monótona que desde meus tempos de colégio eu queria sair quanto antes dali.

Foi grande a influência exercida pelas novelas dos únicos quatro canais de tevê. Eu sonhava em ir para Tóquio, viver em um lugar onde há de tudo, com o refinamento e a dramaticidade das atrizes. Por isso meti a cara nos livros e entrei para uma faculdade na capital, para um curso de curta duração.

Pouco depois de chegar aqui, vi que tudo era uma enorme ilusão. Porém, por todo canto havia inúmeras lojas num raio de até cinco minutos a pé, trens circulavam a cada três minutos, e, nesse sentido, a capital era realmente um lugar dos sonhos. Em qualquer esquina era possível comprar artigos para o dia a dia e comidas prontas. Eu me acostumei rapidamente com essa vida. O Éden possuía várias lojas na região de Kanto, ao redor da capital, e, como fui designada para uma unidade próxima à estação de trem nos arredores da minha casa, o deslocamento era bem tranquilo.

Mas às vezes me pergunto: o que vou fazer daqui em diante?

O ímpeto fervoroso e a excitação de me mudar para Tóquio desapareceram como espuma quando isso se concretizou.

Poucas crianças do interior vêm estudar na capital. Então, quando vim para cá, todos me felicitavam dizendo quão fantástica eu era e eu me sentia nas alturas, mas no final das contas não me tornei nem um pouco fantástica.

Não tenho nenhum projeto pessoal incrível ou divertido, não tenho planos, não tenho sonhos nem perspectivas. O que tenho é uma vida inútil.

Será que minha sina é trabalhar para sempre no Éden? Vou apenas envelhecer dentro de um uniforme rosa-coral? Por trabalhar nos fins de semana e feriados, minhas amigas diminuíram e, apesar de não ser esse o único motivo, tampouco consigo arranjar um namorado.

E se eu mudasse de emprego?

Já pensei nisso várias vezes. Só que, no meu entender, isso exigiria um esforço descomunal, e eu não tenho vigor. Pois é, não tenho essa energia básica. Fico com preguiça só de pensar em atualizar meu currículo.

Será que haveria algum trabalho para uma recém-formada, cujo único emprego que conseguiu foi como vendedora no Éden?

– Ei, Tomoka!

Kiriyama me chamou com uma bandeja nas mãos. Ele trabalha na ótica Zaz. Tem 25 anos, quatro a mais do que eu, e é a única pessoa com quem posso conversar com franqueza sobre essas coisas.

Ele começou a trabalhar aqui quatro meses atrás. Como não é na mesma loja que eu e costuma ser chamado para dar suporte a outras unidades do grupo Zaz, há tempos não conversamos.

Na bandeja havia um prato de cavala frita e macarrão udon com carne. Ele era magro, mas era bom de boca.

– Posso sentar aqui?

– Claro.

Ele se sentou na minha frente. Seus óculos de armação fina e arredondada lhe caem bem, seu olhar é terno. Seu trabalho parece feito sob medida para ele. Falando nisso, ouvi dizer que ele largou outro emprego para trabalhar na Zaz.

– O que você fazia antes?

– Quem? Eu? Trabalhava em revistas. Fazia matérias, editava, cuidava da parte gráfica, coisas assim.

– Nossa, não sabia.

Foi uma surpresa para mim. Então ele trabalhava em uma revista! De um rapaz simpático e de modos gentis, passei a vê-lo também como alguém bem informado e intelectual. De fato, nossa profissão parece criar uma imagem de quem somos.

– Por que o espanto?

– É um trabalho fantástico.

Kiriyama soltou uma risadinha.

– Trabalhar para uma ótica também é!

– Claro.

Eu também ri. Dei uma mordida no meu pão recheado.

– Você tem mania de repetir “fantástico” para tudo, já reparou?

– É mesmo?

Talvez ele tenha razão.

Quando Saya me contou sobre seu novo namorado, lembro de ter usado esse adjetivo várias vezes. O que era “fantástico” para mim? Um talento especial, um conhecimento vasto? Coisas difíceis de se obter?

– Será que vou passar minha vida toda no Éden? – sussurrei enquanto tomava minha vitamina de morango.

Kiriyama levantou uma sobrancelha.

– O que houve? Está pretendendo mudar de emprego?

– Hum... Bem, nos últimos tempos tenho pensado nisso – respondi baixinho depois de hesitar um pouco.

– No setor de serviços mesmo?

– Não. Queria trabalhar em escritório. Poder me vestir como quiser, descansar nos fins de semana e feriados, ter uma mesa só para mim. Almoçar com os colegas do escritório em um café perto da empresa, falar mal do chefe na copa.

– Em nenhuma dessas cenas vejo você trabalhando...

Kiriyama riu. Mas ele está certo. Afinal, nem eu mesma sei o que quero fazer.

– Agora você está aqui, mas daqui a alguns anos pode conseguir trabalhar na matriz, não?

– É, acho que sim.

Para isso acontecer, é necessário trabalhar pelo menos três anos em uma das lojas. Pelo plano de carreira da empresa, de-

pois de adquirir essa experiência, se desejar, o funcionário pode pedir uma transferência para o departamento administrativo ou o departamento pessoal da matriz. Se optar pelo departamento de desenvolvimento de produtos, pode ser encarregado de compras ou planejamento de eventos. Trabalho de escritório, como eu disse.

Mas na prática poucos pedidos são aprovados. O mais realista era, depois de trabalhar um bom tempo em uma loja, ser promovido a chefe de seção. Foi assim com Uejima, meu chefe, um homem sem qualquer motivação. Ele tem 35 anos e está nesse cargo há cinco. Quando penso nisso, imagino que talvez seja isso que vai acontecer comigo, na melhor das hipóteses. Chamam de promoção, mas o teor das funções quase não muda. Pelo contrário, a responsabilidade só aumenta com a obrigação extra de gerenciar o pessoal. Fico arrepiada só de pensar. O salário melhora um pouco, mas me falta firmeza para assumir um cargo desses.

– Como você encontrou o trabalho na Zaz? – perguntei a Kiri-yama.

– Num site de empregos. Eu me cadastrei e choveram ofertas de vagas! Só precisei escolher.

Ele me mostrou no celular.

Era só preencher um formulário com seus dados, a função desejada, sua experiência e suas competências, e eles mandariam por e-mail informações sobre vagas disponíveis. O exemplo de formulário preenchido era muito detalhado: vários tipos de qualificação, pontuação no teste de inglês, número da carteira de motorista... Tinha que assinalar muitos quadradinhos.

– O problema são as competências. Eu só tenho o nível básico de inglês.

Eu devia ter pelo menos tirado a carteira de motorista. O carro é indispensável ao dia a dia das pessoas na minha cidade, e

quando os jovens terminam o ensino médio vão correndo procurar uma autoescola. Com minha vinda para Tóquio definida, imaginei que isso era desnecessário e aproveitei o tempo livre. Na escola éramos obrigados a estudar inglês, mas ter o nível básico e nada dava no mesmo.

Seguindo o formulário de cadastramento, vi que o item para checagem dos conhecimentos em informática era ainda mais detalhado. Word, Excel, PowerPoint e outros programas de que eu nunca tinha ouvido falar.

Eu tenho um notebook que usava para fazer os trabalhos da faculdade. Entretanto, desde que comecei no Éden não tive mais tempo de escrever nada. Um dia o roteador deu problema e, como comprar um novo era complicado e eu não saberia bem como fazer para me conectar ao wi-fi, o notebook ficou de lado. Até porque consigo fazer quase tudo pelo smartphone.

– Se for só para digitar textos no Word tudo bem, mas não sei nada de Excel.

– Se pretende trabalhar em escritório, é melhor aprender!

– Mas um curso de informática deve ser muito caro.

Então Kiriya sugeria uma coisa inusitada.

– Tem aulas nos centros comunitários. Eles costumam ter cursos a preços populares para a comunidade local.

– Sério?

Amassei a sacola do lanche que acabara de comer e, ao olhar o relógio de pulso, vi que me restavam menos de dez minutos. Queria ir ao banheiro ainda, mas Numauchi ficaria uma fera se eu não voltasse três minutos antes.

Terminei de tomar minha vitamina de morango e me levantei.

\* \* \*

Nessa noite, acessei a internet pelo celular, fiz uma busca por “Hatori”, o distrito onde eu moro, “residente distrital” e “aulas

de informática” e me espantei com a quantidade de resultados. Muitos mesmo.

O Centro Comunitário Hatori me chamou a atenção. Verifiquei o endereço e descobri que era nas redondezas. Parecia ser anexo a uma escola primária localizada a menos de dez minutos a pé da minha casa.

No site encontrei informações sobre vários cursos: xadrez japonês, haicai, dança de salão, dança havaiana, ginástica. Organizavam com frequência eventos de arranjo floral e seminários. Pelo visto, para frequentar o Centro bastava residir no distrito.

Era difícil imaginar que tudo isso acontecia em uma escola primária pertinho de mim. Moro há quase três anos neste apartamento e nunca nem tinha ouvido falar disso.

As aulas de informática pareciam ser realizadas em uma sala de reuniões.

“Traga seu notebook ou pegue um emprestado com a gente. Taxa de 2 mil ienes por aula. Toda quarta, das 14h às 16h”, dizia o site.

O aluno era orientado individualmente e a frequência era livre. Por não ser no fim de semana, estava perfeito para mim. Nessa semana, minha folga caía na quarta-feira.

“Iniciantes são bem-vindos. Recomendado para quem deseja aprender no seu ritmo. Orientação individual. Ensinamos desde o manuseio correto do computador, Word e Excel, até a criação de sites e programação. Aulas ministradas por Gonno.”

Caía como uma luva para mim.

Preenchi e enviei o formulário de inscrição. Apesar de ainda não ter nem começado, uma surpreendente alegria me invadiu só de me imaginar usando o Excel.

\* \* \*

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Sextante,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[sextante.com.br](http://sextante.com.br)

